

O MUNDO NAS MÃOS-AS MÃOS NO MUNDO:
A GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Helena Copetti Callai* y Adriana Maria Andreis**

*Professora do DHE e do Programa de Pós graduação em Educação nas Ciências – UNIJUI. Pesquisadora do CNPq. (copetti.callai@gmail.com)

**Professora, graduada em Geografia, mestre em Educação nas Ciências concentração Geografia, Doutoranda em Educação nas Ciências pela UNIJUI/Brasil e UAM/Espanha, bolsista CAPES – PROSUP/Cursos Novos. (adrianandreis@hotmail.com)

Artículo recibido: 05-03-2013
Artículo aceptado: 01-06-2013

RESUMO

Este texto discute a Geografia escolar no interior da Educação Básica, com a tarefa de ser uma das formas de ler, compreender e interpretar o lugar e o mundo em que vivem os estudantes. Consideramos que este processo oportuniza a construção da identidade e da noção de pertencimento de cada um e que o desafio é ensinar e aprender para a vida, mas de um modo que a escola permita avançar prospectivamente, para não apenas repetir a experiência da vida. Entendemos que o estudo da geografia pode levar os estudantes a aprender a fazer a observação, a descrição e a significação, oportunizando assim construir processos de pensamento que permitam e encaminhem à interpretações e análises que se encontram na dimensão do mundo teórico e que são fundamentais para melhor viver a vida.

Palabras clave: Multiescalaridade. Espaço, Tempo, Hermenêutica Geográfica, Educação Geográfica.

ABSTRACT

This paper discusses the school Geography within the basic education, with the task of being one of the ways to read, understand and interpret the place and the world in which students live. We believe that this process favors the construction of identity and sense of belonging of each and that the challenge is to teach and learn for life, but in a way that allows the school forward prospectively to not only repeat the experience of life. We believe that the study of geography can lead students to learn how to make the observation, description and significance, thus providing opportunities to build thought processes that enable and refer to the interpretations and analyzes that are the size of the theoretical world and are fundamental to better live life.

Key words: Multiescalaridade, Space, Time, Hermeneutics Geographic, Geographic Education.

INTRODUÇÃO

A expressão *mundo nas mãos*, de forma figurativa, remete à imagem de uma pessoa com um globo terrestre nas mãos. *Permite convidar à reflexão sobre o mundo como efeito das ações e decisões dessas mãos que não se dá apenas por uma relação de sujeito e objeto.* A Geografia escolar se constitui, no interior da Educação Básica, em uma das formas de ler e compreender e interpretar o lugar e o mundo em que vivem os estudantes. Esse processo oportuniza a construção da identidade e da noção de pertencimento de cada um. Quer dizer, ensinar e aprender para a vida, mas de um modo que a escola permita avançar prospectivamente, para não apenas repetir a experiência da vida.

Figura 1. Brasil: localização.



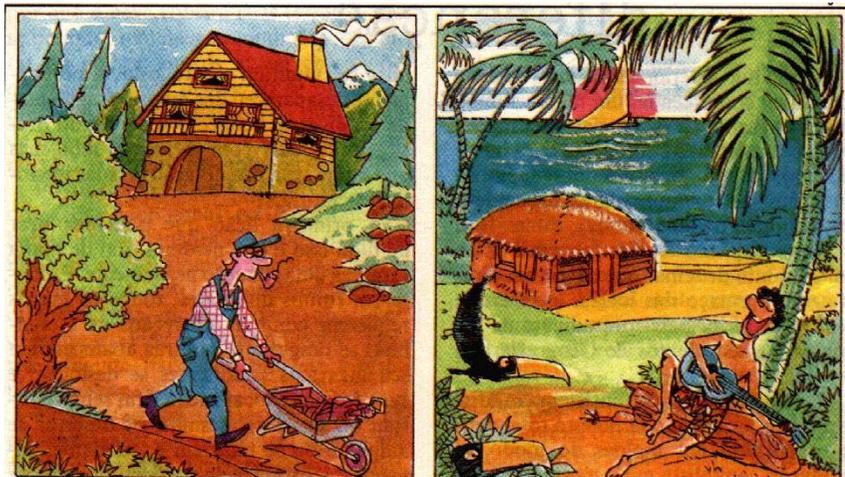
[Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/>. Acesso: 21 agosto, 2009.]

Se a geografia conseguir encaminhar e facilitar a constituição de determinadas capacidades, o conhecimento metodológico para o conhecimento da realidade e construção de conceitos, e, noutro nível ter acesso aos referenciais teóricos que permitem fundamentar o conhecimento, estará cumprindo com a sua tarefa como componente curricular escolar. Afora estas questões que advêm da especificidade do conteúdo escolar, o nosso objetivo de pesquisadoras e professoras de geografia, é oportunizar o desenvolvimento de um pensamento autônomo. Ter autonomia de pensamento exige ter acesso ao conhecimento, mas também aos processos que permitem construir o mesmo. E, este desafio agrega-se aos conteúdos específicos da Geografia escolar.

Na Educação Básica a Geografia pode desencadear um processo de aprendizado significativo ao trabalhar com a construção de processos intelectuais que orientem a compreensão e interpretação do mundo. Pode, abrindo-se ao mundo da vida, ao conhecimento empírico, oportunizar o conhecimento da realidade em que vive, com o objetivo de permitir que o sujeito se empodere dos conhecimentos necessários para compreender o mundo em que vive e melhorar sua vida cotidiana. O estudo da geografia pode levar os estudantes a aprender a fazer a observação, a descrição e a significação, oportunizando construir processos de pensamento que permitam interpretações e análises que se encontram na dimensão do mundo teórico e que são fundamentais para melhor viver a vida.

Ao encontro desta perspectiva, nesse texto discutimos o que é a Geografia e a espacialidade como elemento da constituição do ser humano. Propomos assim, algumas posturas possíveis no trabalho com o conhecimento científico e escolar da geografia, no contexto das mudanças atuais com as demandas que configuram a vida humana no novo milênio. Propomos uma geografia escolar hermenêutica comprometida com uma educação geográfica. Nessa perspectiva, apresentamos algumas análises e possibilidades envolvendo as sistematizações sob a forma de imagens, especialmente os mapas. É um convite para pensar sobre como contribuimos fazendo uma Geografia que esteja ligada, enraizada e comprometida com o conhecimento do mundo e para ser um instrumento de exercício da cidadania. Isso porque, assim podemos realizar nosso papel como professores da escola, ou seja, abrir as portas do mundo comum aos alunos, oportunizando que participem, pela compreensão dos processos, pela construção do seu conhecimento e pela sua atuação na sociedade.

Figura 2. América Anglo-Saxônica e América Latina



[Fonte: Pereira et al (1992, p. 241).]

A ESPACIALIDADE COMO CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO

Consideramos que a noção de espacialidade é inerente a cidadania porque o ser humano se constitui espacialmente. Não é possível prescindir da noção de espacialidade para viver e para aprender. Ao encontro da relevância desses âmbitos, desencadeamos essa discussão com uma análise sobre a Geografia, envolvendo a perspectiva da espacialidade na constituição do ser humano relacionando com a geografia escolar e a ciência geográfica. Entendemos que esses conhecimentos, o escolar e o científico, têm entre si interligação indelével – *o escolar e o científico*, porque tem o mesmo ponto de partida, qual seja o reconhecimento da espacialidade como condição pressuposta no ensinar e no aprender. E da mesma forma a ciência geográfica e a disciplina escolar, mesmo diferentes em sua constituição e ação tem a mesma origem e os mesmos pressupostos teóricos que lhes fundam.

A sociedade atual apresenta características marcadas por objetivos e interesses que demarcam um fazer humano que se expressa sob formas específicas no espaço/tempo, determinado pelo avanço das mais diferentes formas de tecnologias. Constrói relações sociais, econômicas e políticas norteadas pelo sistema de produção e consumo, que desencadeiam novas preocupações. Novas feições desse/nesse mundo são criadas e estas precisam ser identificadas e compreendidas. Portanto, as formas de estruturação do espaço em qualquer nível de escala expressa/demonstra as relações entre os homens, explicitando os embates ocorridos cotidianamente. A organização espacial, entendida como construção dinâmica e dialética, configura-se como objetivação das ações humanas num determinado lugar. Tensionar esta realidade através da análise espacial é o papel da Geografia escolar.

Num contexto de mudanças aceleradas em que a sociedade se organiza, a globalização através de seus processos atinge diferentemente as pessoas e os lugares. A forma como cada lugar reage às interferências externas dos fenômenos globais, depende das relações internas que aí ocorre entre os homens e, entre os vários grupos sociais. Assim pode ser construída a força que tem o lugar, discutida por Milton Santos (2000), que torna possível que cada sujeito possa se constituir, não independentemente, mas autonomamente no mundo globalizado. E, na mesma perspectiva oportuniza, oferece as possibilidades das pessoas do lugar a desenvolver sua identidade e pertencimento como aspectos fundamentais para o seu agir cotidiano.

Há variadas possibilidades de estudar e compreender o mundo. À Geografia cabe explicar este mundo a partir da configuração espacial que ele assume. Para tanto é fundamental desenvolver o olhar espacial, construir raciocínios espaciais (geográficos) e assim fazer a interpretação da realidade e da sociedade mostrada pelo espaço através da materialização/concretização dos fenômenos sociais, realizando a análise geográfica ao levar em conta o mundo real e sua significação. E isso, pode-se aprender e fazer, na medida em que se têm instrumentos teóricos e metodológicos.

Reafirmando e avançando nesta argumentação se pode chegar ao entendimento de que o espaço em que se vive é importante para conhecer e compreender, e assim para reconhecer-se no mundo. A espacialidade resultante das formas vivenciadas pelos homens expressa a realidade e compreendê-la é importante. Independente do nível da escolaridade na escola básica (e a idade dos estudantes) para compreender a vida, para entender a realidade que se vivencia, e o que acontece no mundo, a Geografia escolar pode se constituir numa possibilidade pertinente e

facilitadora. Entende-se, portanto que através do exercício de leitura interpretativa do espaço exercitando atividades que abrem o caminho para a construção do conhecimento, é possível contribuir com a formação integral dos jovens.

É importante reiterar também que a leitura do espaço não significa pensar a partir de espaços amorfos, neutros ou sem identidade, pois não o são assim, nunca. Pelo contrário, a organização do espaço subordinada à regras instituídas no mundo global se apresenta como a forma visível que se materializa em territórios que acolhem ou que segregam as pessoas. E, nesse sentido é importante considerar que “As fronteiras nacionais diluem-se e os espaços nos quais se exerce a cidadania tendem ou a ampliar-se para uma cidadania sem fronteiras, ou a reduzir-se ao âmbito local” (Tedesco, 2002: 20).

Nesse contexto, não é apenas retórica perguntar: - Qual o espaço de vivência ao qual nos reportamos no cotidiano de nossa vida? - Como conhecemos estas paisagens e territórios? - Como construímos os espaços? - Como estudamos estes lugares? – Como interpretamos este local e este global? Como conhecemos e interpretamos o lugar e o mundo? Mas, também é importante o questionamento a respeito de quais conceitos nos utilizamos e como são trabalhados nas aulas no processo constituição da/para a compreensão e interpretação espacial.

Compreender o mundo para a Geografia, reafirmamos, significa exercitar o olhar espacial, pois os espaços são cheios de vida, têm em si a complexidade das relações e as marcas de sua trajetória histórica. São, portanto, espaços plenos de história e que expressam a intensidade das relações entre os homens. Pode-se ter como premissa que esta é a especificidade da Geografia, “por intermédio do olhar espacial, procurar entender o mundo da vida, entender as dinâmicas sociais, como se dão as relações entre os homens e quais as limitações/condições/possibilidades econômicas e políticas que interferem” (Callai, 2005: 237).

Fazer a leitura do espaço, através do lugar-espaço de vida do nosso cotidiano, pode levar a “aprender a pensar o espaço, desenvolvendo raciocínios geográficos, incorporando habilidades e construindo conceitos” (Callai, 2005: 236). O caminho, então que se abre para compreender o mundo, passa por entender que,

“[...] nenhum lugar é neutro, pelo contrario, os lugares são repletos de historia e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As

pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Assim o lugar não pode ser considerado/entendido isoladamente [...] e ao mesmo tempo em que ele é o palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites, cria possibilidades” (Callai, 2005: 236).

É o caso de compreender que as redes estruturando os espaços a partir/com base dos/nos fluxos criam uma nova organização territorial, e conforme Castells... “dentro da rede a hierarquia não está de nenhum modo assegurada, nem é estável” (Castells, 1996: 415) Entende-se, então, que toda a economia e as relações políticas e sociais estão submetidas a uma nova articulação de dinâmicas globais e locais, e, que a descontinuidade geográfica passa a ser a marca de muitos empreendimentos, pois os fluxos de informação fazem a interligação de acordo com interesses maiores. O mundo fica cada vez mais complexo, e os fenômenos da vida não podem ser entendidos em uma análise linear, simplesmente. Assim como os espaços que são importantes para vida das pessoas não são necessariamente contíguos, as demandas que envolvem as populações de determinados lugares não o são apenas do lugar em si. Configura-se uma lógica com demandas externas que muitas vezes podem ser as mais significativas para vida daquele lugar.

O papel da Geografia escolar reside na contribuição e instrumentalização para que cada um se situe neste contexto que não é mais formado e nem pode ser formulado teoricamente por simples dualidades com a bipolarização de interesses. A realidade é muito mais complexa, e os recursos teóricos para interpretar esta nova realidade precisam estar claros, assim como os suportes de método para interpretá-la e, da mesma forma as técnicas para fazer a análise geográfica. A questão não é apenas empírica e concreta de análise da realidade, mas, sim, exige um rigor teórico que possa dar os caminhos possíveis para realização eficaz do trabalho, de modo a viabilizar a construção de conhecimentos significativos. A dinâmica que se instaura atualmente na sociedade é a que tem por base tempos e espaços definidos com novos significados e o acesso aos bens pela elite não está localizado num lugar específico, único. O transnacional que se apoia em redes interliga a todos os que têm (grandes) interesses, e exclui os demais. Essa lógica precisa ser incorporada na análise para que os sujeitos singulares, bem como os grupos sociais reconheçam o poder que podem exercer para fazer frente ao poder externo.

O desafio de entender o mundo tem em si o imperativo de que nessas novas demandas da sociedade e da nova realidade que se constitui atualmente, passa a existir grandes interesses envolvidos na discussão (e no interesse e acesso) dos territórios. E isso cria demandas, seja na ordenação territorial, na gestão do meio ambiente, na planificação regional e urbana, na análise e gestão da paisagem, no direito à cidade, à habitação, na circulação em geral, na gestão dos transportes urbanos e nacionais e internacionais, enfim no direito à cidadania.

Os avanços da modernidade, a aceleração da produção, o marketing do consumo e a criação de novas necessidades para viver tendo acesso aos bens produzidos, por aqueles que têm condições para usufruir, e pela busca incessante pelos demais, configuram uma nova realidade. Cria-se uma urbanização acentuada do solo que tem gerado efeitos negativos sobre os recursos naturais e sociais de infraestrutura, sobre as paisagens, sobre a busca de cada vez mais. Pode-se então falar que hoje existe a necessidade de criar uma nova cultura do território. Esta nova cultura do território precisa ser construída e pode-o ser no cotidiano da vida, vivida na escola, por exemplo. No entanto, para isso o professor necessita ter construído/elaborado solidamente os seus referenciais teóricos que lhe permitam sustentar debates, apresentar proposições e soluções criativas nos processos de conhecimento, de gestão, de planejamento do território. É nesse sentido que ao discutir a relação entre o saber científico e o conteúdo escolar chama a atenção para o fato de que “[...] não é equivocado afirmar que os conteúdos escolares têm uma sintonia com o saber científico. Considerando a enormidade de tendências e percepções teóricas sobre os conceitos que podem entrar em questão na sala de aula, no entanto, os conteúdos escolares podem limitar-se na medida em que se restrinjam a alguma ou algumas visões” (Andreis, 2012: 56).

Na perspectiva dessa análise, na escola pode-se dizer que é o professor que tem a fazer e pode muito fazer. Nesse sentido, precisa priorizar o mundo empírico e o mundo das proposições teóricas que o habilitem a oportunizar aos alunos o desenvolvimento de processos cognitivos que avancem do mundo empírico, que se constituam de explicações que também são teóricas.

HERMENÊUTICA PARA UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

A tarefa da Geografia escolar é fazer uma análise geográfica, ou seja, espacializada, contextualizando os conceitos estudados e/ou o espaço demarcado sem se perder nos detalhes, nas pontualidades, nos fenômenos em si, ou nos fragmentos de paisagens. A falta da visão do todo, considerando a complexidade dos fenômenos e dos espaços, prejudica a análise e serve muitas vezes para encobrir questões que não interessaria a quem detém o poder, desvendar ou torná-las claras. Falamos da constituição de uma postura hermenêutica, interessada em uma educação geográfica, o que exige um trabalho que tenha presente a noção de multiescalaridade.

Os desafios que se apresentam para a aula de geografia na educação básica dizem respeito a instrumentalizar os sujeitos na construção de aportes para entender a inerência da espacialidade do mundo, uma vez que os territórios são construídos e apropriados em acordo com interesses que demarcam a vida humana, esta de um modo geral no conjunto da sociedade, mas que atinge a singularidade dos lugares e de grupos específicos. O conhecimento teórico conceitual que a escola se propõe a apresentar, é que serve como provocação ao tensionamento cognitivo para o estranhamento necessário à reflexão sobre o mundo da vida. Simplificando, não é de graça e sem esforço que se podem construir as ferramentas intelectuais para entender a espacialidade em que se vive.

No plano teórico, pode-se considerar a interpretação que (Castells, 1996) faz na sua obra “A Era da Informação”, e analisar a realidade de dois pontos de vista, que se constituem a escala macro e a escala micro. Na escala macro territorial ocorre a articulação de todos os espaços de forma a uma integração num sistema de fluxos e que está dando origem a um conjunto de cidades globais de onde convergem os fluxos de capitais, informações estratégicas, modas, etc. E por outro lado se constitui o espaço local onde se vive a vida cotidiana a partir de onde pode ocorrer a afirmação da identidade territorial, pessoal e coletiva com a diversidade cultural. Também Milton (2000) Santos trabalha com esta idéia na sua obra já referida aqui: Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal. E tanto esses dois estudiosos quanto outros tantos que tratam da mesma temática, pode nos levar à constatação de que a atual organização territorial está expressando a realidade do mundo atual e que a nós da geografia cabe interpretar essa realidade, considerando

estes aspectos, num conjunto indissolúvel e não fragmentado, mas com a perspectiva da complexidade que existe e não pode ser desconsiderada.

Argumentando em favor da importância de trabalhar com a complexidade e sem a fragmentação das especialidades, a análise geográfica permite interpretar aquilo que é resultado da vida que os homens vivem, usando e construindo territórios. Através dela podem-se evidenciar as capacidades de raciocínio interligando conceitos que expressam problemas e questões sociais, culturais e econômicas com aqueles conceitos que são específicos das questões da natureza. O resultado da vida vivida pelos homens se materializa e se concretiza em formas espaciais que são visíveis e que nos cabe observar, interpretar e entender.

Através da análise geográfica, trabalhando com os conceitos interligados numa rede conceitual, pode-se entender que os problemas do mundo localizados num ou noutro lugar, tem uma referência que é dada pela complexidade das relações sociais. Este é o propósito da educação geográfica para entender a espacialidade dos processos em que estamos situados. Neste sentido é importante, oportunizar aos alunos a aprendizagem da busca, do processo de pesquisa, da observação, da análise da interpretação, que permitam articular as informações no contexto em que se inserem, de modo a analisá-las, interpretá-las para conseguir entender o que acontece no mundo.

Tendo claro o que se quer com a educação geográfica, e o que pode ser o conteúdo que leva a sua efetivação, surge a necessidade de encontrar as formas de realizar atividades que sejam eficazes ao processo de aprendizagem. E, uma atividade possível que é intrínseca ao trabalho geográfico diz respeito às formas de representar esse mundo. Para tanto existe um instrumental técnico capaz de orientar a observação, a leitura e a sistematização a respeito dos espaços. As sistematizações, por exemplo, na forma de mapas, textos e imagens, nunca são neutras, pois são necessários critérios para fazer a leitura e também a representação. Quem define esses critérios, estes parâmetros e, as técnicas a serem usadas, estabelece também os rumos da interpretação, encaminha de modo subliminar muitas vezes o que se deve observar e como interpretar. Neste sentido a lógica adotada para as escolhas se inscreve no contexto de determinada visão de mundo, de interesses envolvidos e, muitas vezes são definições externas a quem as realiza. Ser capaz de compreender tudo isso nos permite o exercício da crítica, e o desenvolvimento do pensamento

autônomo, sem estar atrelado a interesses que sejam externos e monoculturais e que possam alienar os sujeitos.

Compreendemos que a Geografia é a ciência e a disciplina que em grande medida 'tem o mundo nas mãos' e o apresenta aos estudantes. Construir a noção de multiescalaridade implica em abrir ao diálogo acerca das sistematizações, que aqui exemplificaremos através dos mapas gráficos. Nesse sentido, considerando que a ciência Geografia na sua interligação com a Geografia escolar, na Educação Básica é que trata diretamente da análise espacial, propomos agora outra questão relevante acerca de refletir sobre como se desenvolve na Geografia escolar a discussão sobre o espaço.

A partir das aulas de geografia os alunos, em grande parte constroem significações desse mundo e se movem tendo como pano de fundo essas percepções espaciais. Esta base de conhecimento é indiscutivelmente importante, pois permite abrir o caminho para entender o mundo e para ter gosto com a Geografia. Mais que isso se pode descortinar a lógica para interpretação do mundo, tendo como base a análise espacial, entendendo que o espaço construído é resultado da vida das pessoas na dinâmica da construção de suas histórias. As vivências das pessoas e dos grupos sociais ao se materializarem no espaço estruturam os mesmos, e dão feição aos territórios, e criam paisagens. Visto por outro lado as paisagens são a expressão e o resultado da vida das pessoas e das formas de organização da sociedade. Essas (as paisagens) podem ser descritas e analisadas. A interpretação do espaço delinea os caminhos para fazer a análise geográfica.

As ações empreendidas nas vivências cotidianas são resultantes das imagens generalizantes ou pensamentos-conceito com os quais operamos. Essas compreensões construídas estão no centro de qualquer ação especificamente humana como na ação de pensar. Pensando que a Geografia é a ciência que apresenta o mundo e suas representações (principalmente através de mapas) para todas as pessoas que passam pela escola, se percebe o quão essencial é essa interrogação sobre como se apresenta a representação dos espaços especialmente através dos mapas. Estes são muitos, de tipos variados, para situações e demandas diversas e há sempre quem recorra aos mesmos para investigação e para apresentação/resolução de questões do cotidiano.

A discussão sobre a responsabilidade da Geografia a respeito de como o mundo pode ser apresentado, que exemplificamos por meio das imagens que abrem este texto (Figuras 1 e 2), é fundamental considerando a análise de Cavalcanti (2005). Para a autora “[...] o mundo [...] só pode ser conhecido como objeto de representação que dele se faz. E esse mundo só pode ser um mundo para si, para o sujeito que o internaliza depois que ele foi um mundo para os outros, ou seja, o conhecer é um processo social e histórico, não um fenômeno individual e natural” (Cavalcanti (2005: 189).

A Geografia participa nos processos de produção das ideais de mundo e nesse sentido cabe refletir sobre a educação escolar como produtora dos significados e, cabe pensar, também como realiza o ensino e a aprendizagem. Reafirmando, podemos dizer que essa área do conhecimento escolar apresenta o mundo aos estudantes e os mapas, por exemplo, são instrumentos essenciais para essa apresentação dos espaços, que em geral, não são conhecidos concretamente, nem pelo professor e nem pelo estudante. Por isso o mapa gráfico merece atenção especial: as ideias dos lugares (grande escala) e o global (pequena escala) têm os mapas como importante e, na maior parte das vezes, único recurso.

A apresentação do espaço na forma de imagens, como por meio de mapas, permite uma reflexão porque se tratam de generalizações escolhidas e que podem incorrer na produção de percepções simplistas e estereotipadas de mundo, ou intencionalmente direcionadas a interesses.

A Figura 1, por exemplo, apresenta uma imagem do mundo que encaminha para uma análise deste como possibilidade de múltiplas interpretações. Mostra a Terra com o norte embaixo e o sul em cima. O centro da projeção azimutal é alternativo, ou seja, está polarizado no Brasil e não privilegia a visão eurocêntrica, mais comumente utilizada nas escolas. A Terra está no espaço e em movimento. Aliás, todos os elementos do universo (estrelas, planetas, satélites, poeira, gases etc.) estão em movimento. Portanto não há nenhum ponto de referência fixo. Sendo o mapa o desenho reduzido e codificado do planeta, então é possível representá-lo de inúmeras formas.

A visão unireferencial e unidimensional pode superestimar elementos isolados em detrimento de um contexto complexo tanto natural como social, cultural e econômico nos/dos espaços. Paralelamente, o uso insistente e incisivo de apenas uma

imagem representativa (a visão eurocêntrica, por exemplo) que comumente está nos livros didáticos e materiais de aula e mesmo dos meios de e comunicação constrói no imaginário das pessoas uma representação de mundo linear, distante, estático e alheio. Essas formas de apresentação do espaço acabam construindo percepções sobre os lugares e o mundo que influenciam diretamente o pensamento e ação das pessoas que os veem. Tornam-se inquestionáveis e verdade absoluta.

Elaborações e reproduções rígidas não contribuem para a construção de percepções dinâmicas e que atribuam significado aos significantes dos sujeitos do espaço. Quer dizer que é importante a construção e a leitura dos mapas entendidos como códigos escolhidos em determinado tempo e local. Também é importante que (os mapas) sejam produzidos (construídos com os alunos) e interpretados e não apresentados apenas como produto final, mas como forma inicial e proposta de discussão e estabelecendo relação de proximidade com as vivências e os elementos dos estudantes desde as séries iniciais da Educação Básica. Paralelamente é essencial que revelem seus objetivos e efemeridade, uma vez que se trata de escolhas em dado contexto. Isto posto percebe-se que os mapas nos permitem pensar sobre como a Geografia (a escola e as outras áreas do conhecimento) por meio de detalhes sutis, conseguem contribuir na construção dos significados e das representações.

A Figura 2 também ilustra essa possibilidade de análise das apresentações da realidade. Trata-se de uma generalização sobre a América Anglo-saxônica e América Latina apresentada como tema para discussão por Pereira et al (Pereira et al, 1992: 241). Essas imagens corroboram para a construção de esquemas cognitivos sobre os respectivos espaços e reforçam ideias sobre os mesmos (como por exemplo: local de trabalho x local de descanso). Os mapas e outras imagens em geral nos permitem então, pensar sobre como a escola e as áreas do conhecimento, por meio de detalhes sutis, conseguem contribuir na construção dos significados.

Uma apresentação na forma de mapa ou figuras, por exemplo, corre o risco de ser apenas repassada na sala de aula como verdade acabada. Ao trabalhar na escola, é fundamental que se considere que as imagens são apresentações de um olhar apenas. É uma mostra temática em um tempo e um espaço circunstancial, que sobreviveu, germinou e pode se restringir no papel ou no quadro que se apresenta ao estudante como verdade única, inquestionável e muitas vezes incompreensível ao estudante (Andreis, 2010: 25-26).

O mapa não é a realidade em si - porque esta é dinâmica e complexa - por isso irredutível. Contudo os mapas são essenciais para a orientação, interpretação e análise do espaço tanto local, como regional como global. As partes analíticas e o todo sistêmico, não pode prescindir das imagens gráficas de mundo. Por isso a variedade de mapas existentes. E também, diante disso a necessidade de “desvendar” o que determinada sistematização mostra.

É importante o professor reconhecer que as listagens de conteúdos, regras e eventos que o estudante apreenderá não são o mais importante para sua vida diária. O que é essencial são as diversidades de possibilidades de análise interpretativa do espaço real e das sistematizações em forma de imagens e mapas. É da Geografia a responsabilidade de compreender o local, regional e global como paisagens resultantes das escolhas humanas que são efêmeras, e reconhecer o espaço como resultado também da sua construção.

Nesse sentido, inúmeras atividades podem ser desenvolvidas com os estudantes como a leitura e representação, que denominamos aberta, dos espaços. A leitura pode partir de imagens e mapas dos locais do mundo confrontando com o local, mas também pode partir da análise do espaço concreto e próximo. As observações de campo, trilhas de interpretação e as visitas técnicas de estudos são metodologias que o professor pode lançar mão para suscitar capacidades como essas ao encontro da interpretação espacial local e global.

Um exemplo que pode ser citado para o trabalho que utiliza a saída de campo é a produção de imagens que mostram diferentes enfoques do espaço observado. Pode ser desenho, fotografia ou mapa. Para tanto, é importante o professor orientar previamente, para suscitar a discussão sobre as diversas possibilidades de representação. Também é fundamental a análise posterior sobre os critérios e efeitos da escolha realizada.

Essa postura educativa escolar, comentaremos exemplificando com uma atividade que foi desenvolvida com estudantes do Ensino Médio. Após a escolha do lugar a ser estudado se procedeu à observação de mapas do local, orientação e formação de grupos de até três estudantes, e foi realizada a visita técnica de interpretação espacial ao aterro sanitário da cidade. Cada grupo registrou por meio de fotografia as paisagens que envolveram todo o evento. Durante a visita priorizaram-se os questionamentos sobre as expressões visíveis/invisíveis, fixas/fluxos,

internas/externas e antigas/recentes entre outras indagações que foram surgindo. Após a visita, cada grupo ‘escolheu’ uma das paisagens fotografadas, imprimiu-a e atribuiu um título para a mesma. O grupo trouxe então, essa ‘imagem’ do espaço que foi eleita e apresentou para a turma com análises relacionando o que foi visto com o que foi sistematizado na forma de imagem e texto. Assim se oportunizou a discussão sobre o “mundo que é mostrado” como resultante das escolhas.

Outra possibilidade (que depende diretamente do tempo que se dispõe para o desenvolvimento dessas estratégias de conhecimento) é a realização de duas visitas ao mesmo ambiente. Na primeira visita abre-se à “livre leitura e registro” pelos estudantes. Tendo em mãos essas primeiras interpretações, que se vinculam aos significantes de cada sujeito estudante, pode-se realizar a socialização e então orientar o que deve ser observado, questionado e, registrado na segunda visita. Para esta segunda visita mais direcionada o professor é quem organiza as estratégias. É a oportunidade para acionar a conexão com os conceitos científicos e lidar com a prospecção, abstração, mobilidade do saber e relações com outras áreas, ou seja, atribuir significados outros aos significantes empiricamente construídos.

Essas formas de apresentar o mundo são carregadas de intencionalidade de alguém ou de algum grupo, o que reforça a relevância da atenção a forma com que a Geografia apresenta o mundo, que ilustramos com as Figuras, 1 e 2.

Essas atividades são possibilidades para acionar capacidades inerentes à cidadania, uma vez que abrem a interrogação e a discussão sobre as representações mentais e gráficas que não são a realidade. Por isso a postura interrogativa em relação aos conhecimentos científicos e escolares é essencial: “perguntar-se e perguntar aos outros sobre as visões, relações e significados dos objetos e ações espaciais/temporais presentes nas paisagens...” (Andreis,2008: 31) é princípio fundamental para desencadear processos de análise do que é considerado como real e as possíveis representações em todas as áreas do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível *enformar* o espaço e o tempo, porque a vida não é formatável. O fluxo da vida é o hoje. O hoje contém ontem e amanhã. Espaço é tempo e tempo é espaço. O esforço de sistematização é uma apresentação necessária, que precisa ser disponibilizada como uma possibilidade de interpretação.

Considerar a complexidade do espaço implica ter presente que a complexidade do mundo exige formas de interpretação que permitam compreender a realidade atual. A Geografia pode contribuir para superar a unidimensionalidade, a unireferencialidade e a fragmentação que se faz do/no mundo e que sendo assim produz indivíduos alienados. Nas aulas, os conhecimentos podem ser aprofundados de modo que se oportunize a constituição de uma postura interpretativa a partir da compreensão que os conhecimentos auxiliam a construir.

Estamos propondo superar uma compreensão objetificante de espaço, pois o espaço é uma construção que resulta da interpretação que acontece entre os sujeitos, por isso é intersubjetiva. Neste sentido propusemos uma reflexão onde os mapas sejam significativos, que sirvam como trilhas para a interpretação dos locais e do mundo. Isso porque, a utilização dos mapas contribui para uma geografia hermenêutica ou uma hermenêutica geográfica, na perspectiva de uma educação geográfica.

O mundo "real" tem sistematizações que foram sendo produzidas com grande contribuição da Geografia escolar. Aos educadores dessa área do conhecimento especialmente, é relevante persistir na interrogação: Quais as percepções de mundo e realidade que a Geografia ajuda a produzir? Como contribui para que o sujeito estudante compreenda que ele e os grupos com os quais interage diariamente, em grande medida "tem o mundo nas mãos"?

As imagens que a Geografia utiliza em sala de aula, produzem ideias sobre o mundo e sobre as coisas do mundo. Pensar sobre essas produções, suas limitações e possibilidades é fundamental, uma vez que a maior parte da população constrói interpretações sobre o mundo em que vive e age a partir das aulas de Geografia que teve durante a Educação Básica. Para pensar o mundo fazendo a análise geográfica, o desenvolvimento deste olhar espacial permite construir raciocínios geográficos e fazer

uma interpretação da 'organização' expressa no espaço. Quer dizer para a ciência que 'tem o mundo nas mãos', o conhecimento geográfico escolar e científico, precisam manter e aprofundar o debate.

BIBLIOGRAFIA

- ANDREIS, A.M. (2012): *Ensino de Geografia: fronteiras e horizontes*. Porto Alegre: ComPasso, pp. 216.
- ANDREIS, A.M. (2010): "La producción de significados y representaciones del espacio por la geografía escolar: posibilidades y limitaciones en los mapas". *Revista Geográfica de América Central*. Nº 45, Heredia, Costa Rica, pp. 15-29.
- ANDREIS, A.M. (2008): Problematização dos lugares, paisagens e cotidianos no processo de aprendizagem. In: SCHÖNARDIE, P.; STEINMETS, D. y WINTER, M. (Orgs.). *Espaço e tempo na pesquisa em educação: práticas de leitura e escrita*. Ijuí: Ed. Unijuí, pp. 29-44.
- CALLAI, H. (2005): "Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental". *Caderno CEDES, 66 Educação Geográfica e as teorias de aprendizagem*. Campinas, Brasil, pp. 227-247.
- CALLAI, H. (2000): Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A.C. *Ensino de geografia-práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre. Ed. Mediação, pp. 115.
- CALLAI, H. (2003): Do ensinar geografia ao produzir o pensamento geográfico. In REGO, N.; HENRIQUE DE OLIVEIRA, C. y ZEFERINO, C. *Um pouco do mundo cabe nas mãos; geografizando em Educação o local e o global*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, pp. 310.
- CAVALCANTI, L. (2005): "Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos: Uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia". *Caderno CEDES*, Campinas, vol. 25, n. 66, pp. 185-207, maio-ago.
- CASTELLS, M. (1997): *La era de la información- Economía, Sociedad y Cultura*. Vol. 1, Madrid, Alianza Editorial, pp. 665.
- PEREIRA, D.; SANTOS, D. y CARVALHO, M. (1992): *Geografia Ciência do espaço: O espaço mundial*. São Paulo: Atual, pp. 302.
- SANTOS, M. (2000): *Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro - São Paulo, pp. 174.
- TEDESCO, J.C. (2000): *O novo pacto educativo - Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. São Paulo, Editora, pp 149.